DEPARTAMENTO DE CULTURA DE GUARATINGUETÃ
MUSEU "FREI GALVÃO" ARQUIVO "MEMÓRIA DE GUARATINGUETÃ"
GUARATINGUETÃ - SÃO PAULO - BRASIL
ANO DE 1983

A UMBANDA EM GUARATINGUETÃ







Com o início do povoamento do Brasil, os portugueses procuraram suprir as necessidades de trabalho com o braço escravo, inicialmente do índio. O constante aumento dos engenhos do nordeste exigia sempre mais mão de obra servil, que se obtinha com o apresamento dos índios que, contudo, resistiam, fugindo em grande número, para as florestas do interior. Portugal procurou, então, substituir o escravo indígena pelo africano, que se destinava, primeiro aos engenhos do nordeste, depois à extração de ouro nas Minas Gerais e, finalmente às lavouras do café, no Vale do Paraíba.

Não se pode precisar o número de africanos introduzidos no Brasil. Sabe-se, porém, que se sobressairam dois grupos, os bantos ou bantus e os sudaneses. Estes últimos habitavam a costa da Mina e da Guiné portuguesa e eram de cultura mais adiantada, conhecida como iorubana. Em sua maioria se localizaram no norte e nordeste do Brasil, especialmente na Bahia. O grupo banto ou ban

tu, mais primitivo, de cultura angolesa, habitava as regiões do Congo, Angola e Moçambique, então colonias portuguesas. Localizou-se, principalmente nos atuais estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Os africanos trouxeram ao Brasil diferentes modelos culturais e religiosos, que severas leis portuguesas procuravam substituir pelos costumes, religião, ensinamentos, economia, governo e ordens vindos do Reino. Em consequência tanto os índios como os africanos, se tornaram cristãos pelas circunstâncias, sendo batizados e obrigados a frequentar a igreja católica, cujo culto passaram a conhecer, com suas rezas, imagens, orações, cerimônias, procissões e missas. Muitos escravos, africanos ou índios, assimilaram a religião católica, participando de irmandades e cerimônias, convertidos inteiramente à religião trazida pelos portugueses. Outros, entretanto, nunca se afastaram de suas crenças. Para poderem realizar seus cultos, proibidos pelos portugueses, usaram do estratagema de utilizar os santos católicos para representarem seus orixás e entidades religiosas. Com este disfarce, cumpriam suas devoções, evitando castigos e perseguições, pois os brancos temiam os cultos negros não apenas por motivos religiosos, mas, igualmente por motivos de segurança. Foi assim que sobreviveram no nordeste e no norte, o Candomblé, o Xangô, o Catimbó, a Pajelança e outros, enquanto na região sudeste sobreviveram a Umbanda e a Quimbanda, muitas vezes referidas com o nome genérico de macumba, que especificamente, significa determinado instrumento musical. Em todos esses cultos mediúnicos, podemos observar, ao lado do vocabulário, seja africano, seja tupi-guarani, sincretismos, aculturações e filosofias vindas de civilizações primitivas que, em todo território brasileiro se adaptaram às circunstâncias regionais. A Umbanda ou Lei de Umbanda é, para todos os estudiosos, baseada no Candomblé, no catolicismo, no espiritismo, no ocultismo e em crenças indígenas. Tem 7 linhas básicas que se dividem, por sua vez em falanges e legiões. Cada linha reune espíritos ou almas obedientes ao chefe, orixá ou santo, que são divindades da religião iorubana que passaram para os cultos bantus, e cujo sincretismo foi feito com os santos da religião católica. É principalmente nesse sincretismo que observamos as diferenças regionais e mesmo locais. Como exemplo, Iemanjá, divindade ligada às águas, é geralmente representada por Nossa Senhora da Conceição. Em Guaratinguetá, como em quase todo o Vale do Paraíba, é representada por Nossa Senhora Aparecida, cuja imagem foi encontrada nas águas do rio Paraíba. Festas católicas de grande atração regional também são incluidas no calendário de festas da Umbanda enquanto outras, mais telúricas, são realizadas nas matas e nas cachoeiras. Cada orixá possui sua Indumentária, seu ponto cantado ou corimba, seu ponto riscado ou símbolo, sua culinária, seu dia, sua obrigação ou culto específico e sua cor, que o identificam, merecendo estudo minucioso pela riqueza cultural que encerram, remontando a cultos de antigas civilizações.

Destacam-se na Umbanda as Linhas ligadas aos caboclos ou índios, responsáveis pelas matas, árvores e vegetais ligados à medicina popular e a linha dos pretos velhos, africanos, que representam a humildade e a aceitação do destino, "porque sofreram muito no cativeiro".Nesta linha estão incluidos São Cosme e Damião, os Ibejés ou Ibejís, entidades africanas representadas pelos santos gêmeos católicos. Sua festa, realizada a 27 de setembro, é talvez a mais popular das festas da Umbanda em Guaratinguetá. Caracteriza-se, principalmente, pela distribuição de doces e refrigerantes a todas as crianças que se apresentarem no terreiro, sem distinção de credo ou cor. Pesquisa feita nessa área, em Guaratinguetá, mostrou que os doces enviados para a distribuição são doados por pessoas que todos os segmentos sociais, presentes não somente nessas oferendas, mas, igualmente com sua participação nos terreiros, apenas nessa data. Embora a República tenha separado a religião católica do Estado, as religiões populares afro índigenas, na realidade, continuaram por longo tempo praticamente proscritas e ignoradas por muitos. Foi com os primeiros estudos de Arthur Ramos, Nina Rodrigues, João do Rio, Manuel Querino, Edson Carneiro, Gilberto Freyre, Donald Pierson, Roger Bastide e outros, que o próprio povo passou a conhecer e valorizar essa cultura religiosa, ligadas às suas raízes. Embora alguns desses estudos datem do final do século XIX, o Candomblé passou a ter maior divulgação com o turismo cultural. Em São Paulo, segundo Cândido Procópio Ferreira de Camargo, "a Umbanda começou a aparecer a partir de 1951". Em Guaratinguetá, em 1953 foi registrado o primeiro terreiro, que ainda existe, à rua Cunha nº 85, com a denominação de Tenda de Umbanda São Jorge , sob a direção de Benedito e Nina Amaro. Embora essas casas de culto sejam conhecidas pelo nome de "terreiro", são registradas com a denominação de "tenda", possuindo como patronos, orixás, caboclos e pretos velhos. Em Guaratinguetá também está sediada a Legião Umbandista Regional Valeparaibana , na Tenda Caboclo Tupinambá, sob a direção de Hélio Ferreira. Até hoje estão registradas 18 tendas, espalhadas pelos bairros periféricos da cidade, não sendo anotada nenhuma em bairros rurais. Sabe-se entretanto, que o número de terreiros ou tendas pela cidade é bem maior. Algumas possuem nome e pintura mural que as identificam entre o casario. Outras são conhecidas apenas por seus frequentadores. Segundo se observa pelos nomes dos patronos das Tendas registradas, a preferência em Guaratinguetá é pelos caboclos ou índios, com as denominações Tupinambá, Caçador da Mata, Tapajara, Pena Vermelha, Pena Verde, Ubiratam, Cabocla Sete Estrelas e Janaina. Entre os Pretos Velhos, de influência africana, são patronos Pai Cipriano, Vovó Luiza, Pai José da Cachoeira e Pai João da Aruanda. Ligadas aos orixás, estão as Tendas Pai Oxalá, Pai Ogun e Iemanjá. De nomes católicos são as tendas São Jorge, São Miguel, São Miguel Arcanjo e Oxalá e Jesus Nazareno. Com patrono afro-indígena está a tenda Maria Conga e Caboclo Arruda.

Pelas inúmeras influências recebidas e pelas características próprias, cada tenda deve ter um estudo separado que assinale seus rituais, sincretismos e aculturações, suas músicas ou corimbas, sua culinária, coreografia e, mesmo, as pessoas ligadas à direção, aos guias e à frequência dos terreiros, cuja maneira de sentir, pensar, agir e rezar, representa parte importante das raizes culturais brasileiras.

Thereza Regina de Camargo Maia

FONTES DE CONSULTA

Bastide, Roger - Brasil, terra de contrastes. Difusão Europeia do Livro. S.P. 1971.

Braga, Lourenço- Umbanda e Quimbanda. 10º ed.Rio de Janeiro 1956.

Cascudo, Luis da Camara- Dicionário do Folclore.Brasileiro. Col.Brasileira de Ouro. Rio de Janeiro 1959.

Dutra, Erlon - Dicionário de Umbanda e outros assuntos. S.P.1957.

Lima, Rossini Tavares de e Julieta Andrade - Escola de Folclore,Brasil - São Paulo. 1979. ed. Livramento.

Valente, Waldemar - Sincretismo religioso afro-brasileiro. Brasiliano v.280. Comp.Ed. Nacional. SP 1976.

Coleção Arthur Ramos - As Culturas Negras. Vol. III Introdução à Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro. Livraria da Casa do Estudante do Brasil.

Revista Cultura. Ed. dedicada à Cultura Afro-Brasileira. Brasília. ano 6.nº 23. Outubro/Dezembro - 1976. MEC-FUNARTE.

Entrevistas e Pesquisas realizadas em diversos terreiros de Umbanda pela autora, em Guaratinguetá.

Nota - Os desenhos da 1ª página são "pontos riscados" ou símbolos que identificam o caboclo Tupinambá, Maria Conga e S.Jorge.

Guaratinguetá, agosto de 1983

S É R I E

"CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE"

GUARATINGUETÁ - HISTÓRIA E FOLCLORE